

A PENTECOSTALIDADE DA IGREJA: ENTRE O CESSACIONISMO E AFIRMAÇÃO DE CONTINUIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

Fábio de Sousa Neto¹

RESUMO

O presente artigo investiga o tema da pentecostalidade da igreja, considerando, sobretudo, a relação com a *práxis* pentecostal, especificamente a tensão entre o cessacionismo e o continuísmo. O estudo parte da constatação de que o "novo cristianismo global" é amplamente reconhecido por um imaginário e práticas pentecostais ou carismáticas, que enfatizam a continuidade dos dons espirituais e a abertura para o miraculoso. Além disso, reconhece-se a influência do iluminismo sobre visões cessacionistas mantidas por alguns grupos cristãos, o que representa um desafio em meio ao pluralismo e relativismo contemporâneos. A pesquisa utiliza uma abordagem bibliográfica e qualitativa, analisando fontes teológicas e históricas cuja principal categoria de análise são os *charismata* (dons espirituais) e seus reflexos na *práxis* da igreja. A questão central interroga a relevância da afirmação da continuidade dos dons espirituais na atualidade, partindo da hipótese de que essa continuidade sustenta o cristianismo bíblico e apostólico.

Palavras-chave: Pentecostalidade. Dons espirituais. Cessacionismo. Charismata. *Práxis* pentecostal.

ABSTRACT

This article investigates the theme of the Pentecostality of the church, considering, above all, its relationship with Pentecostal praxis, specifically the tension between cessationism and continuationism. The study starts from the observation that the "new global Christianity" is widely recognized by a Pentecostal or charismatic imaginary and practices that emphasize the continuity of spiritual gifts and openness to the miraculous. In addition, the influence of the Enlightenment on cessationist views held by some Christian groups is recognized, which represents a challenge amid contemporary pluralism and relativism. The research uses a bibliographical and qualitative approach, analyzing theological and historical sources whose main category of analysis is the *charismata* (spiritual gifts) and their reflections on the praxis of the church. The central question questions the relevance of the affirmation of the continuity of spiritual gifts today, starting from the hypothesis that this continuity sustains biblical and apostolic Christianity.

Key-words: Pentecostality. Spiritual gifts. Cessationism. Charismata. Pentecostal praxis.

¹ Possui mestrado e licenciatura em História (PUC-GO). Pós-graduado em Teologia Sistemática (FASSEB). Atua como professor universitário e na educação básica. Escritor conteudista e pastor vocacionado. ORCID: 0000-0002-2417-393X. Contato: prof.fabio@fasseb.com.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Quando recebi o batismo, falei novas línguas, justamente como está escrito que aconteceu com os discípulos no dia de Pentecostes, em Atos 2. É impossível descrever a alegria que encheu o meu coração. Eternamente o louvarei, pois Ele me batizou com o seu Espírito Santo e com fogo”.

(Adolph Gunnar Vingren)

O artigo propõe abordar o tema “A pentecostalidade da igreja: entre o cessacionismo e afirmação de continuidade dos dons espirituais”. A justificativa para tal empreendimento vem na constatação de que uma das maiores expressões do cristianismo contemporâneo, o denominado “novo cristianismo global” identificado por Hyatt (2018, p. 19) como “o segmento mais dinâmico e crescente da cristandade” é decididamente pentecostal e carismático. Tal designação implica no reconhecimento de que esse tipo de experiência cristã defende a continuidade dos dons espirituais, uma abertura radical para o miraculoso. Outra razão para se dedicar ao tema é a constatação de certa influência permanente do iluminismo sobre a visão cessacionista nutrida por alguns grupos ditos cristãos, além de outros desafios da contemporaneidade como o pluralismo e o relativismo religioso e cultural.

Dito isso, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica de abordagem qualitativa cuja metodologia consiste mais em uma técnica ou procedimento de pesquisa onde as fontes exploradas e tratadas tiveram como principal categoria de análise os termos, “dons espirituais” (*charismata*) sinais, maravilhas e expressões correlatas, considerando suas manifestações na bíblia, na história da igreja e em parte do discurso teológico. Quanto a orientação teórica, fundamenta-se, entre outros, nos trabalhos de Araújo (2015, 2016), Codling (2016), Hyatt (2016), Ruthven (2017), Smith (2020), Stronstad (2023), Sousa Neto (2021;2024), Keener (2011).

A interrogação que se faz aqui aponta o problema da pesquisa, qual seja: qual a relevância da afirmação de continuidade dos dons espirituais na atualidade? Para tentar responder tal pergunta-problema a hipótese provisória

pode ser apresentada da seguinte forma: a afirmação da continuidade dos dons espirituais possui várias implicações, entre elas a própria continuidade história do cristianismo bíblico e apostólico, algo que incide nas práticas dos cristãos, ou seja, na *práxis* da igreja. Com isso se quer afirmar a pentecostalidade da igreja sendo o movimento pentecostal a caixa de ressonância dessa característica.

Ao falar de pentecostalidade da igreja, poder-se-ia relacionar esse termo ao conceito de “Princípio Pentecostalidade” utilizado pelo pensador pentecostal peruano Bernardo Campos para falar de uma base fundacional comum, qual seja, “a experiência e o relato do Pentecostes originário de Atos 2, 4, 10 e 19” (CAMPOS, 2018, p. 17). Se bem que Campos, pelo menos em nossa leitura, caminha para um tipo de universalismo ao admitir que o Espírito Santo não só acompanha a igreja, sob espiritualidades distintas ou nos termos de certo pluralismo confessional, mas também sustenta o mundo, incluindo “as grandes religiões como o judaísmo, o islamismo e o cristianismo” (CAMPOS, 2018, p. 17).

Portanto, o objetivo básico desse artigo é explorar os fundamentos da afirmação de continuidade dos dons espirituais no contexto atual da Igreja, a partir da perspectiva teológica pentecostal, configurando uma resposta ao dito cessacionismo. Para isso, na construção do objeto de pesquisa, pelo menos três objetivos devem ser elencados, quais sejam: 1) apresentar a abordagem bíblica dos *charismata*; 2) introduzir o problema do cessacionismo e sua relação com a epistemologia classicista de base racionalista; 3) expor a defesa pentecostal/carismática da continuidade dos *charismata* e suas implicações para a igreja contemporânea. Como se observará na sequência, cada objetivo corresponde a um tópico do texto.

1. O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE OS *CHARISMATA*

Antes de qualquer análise de profundidade (mesmo que não seja o escopo desse artigo) é preciso reconhecer os pressupostos de qualquer cristão que considera a Bíblia como um livro inspirado por Deus, portanto, fonte de autoridade sobre a vida e à experiência da igreja. Esse pressuposto básico (embora o próprio reconhecimento de sua inspiração também seja um) é identificado na abertura que o leitor tem em relação aos milagres.

As Escrituras são formadas por um conjunto de narrativas, e outros gêneros textuais que admitem e advogam o miraculoso. Afinal, qualquer pessoa que

professa a fé cristã e seus principais dogmas admite que o Deus da Bíblia e da igreja é o Deus que se revela. Logo, o que se verifica de imediato é esse pressuposto de que há um Deus que se fez conhecido e continua intervindo no mundo, sustentando o cosmo, a igreja e conduzindo seu plano na história até a consumação.

Esse plano divino revelado nas Escrituras contou com inúmeras intervenções sobrenaturais, desde o espetáculo original da criação, dos muitos modos em que Deus se deu a conhecer por meio de teofanias e demonstração de seu poder tendo como objeto os patriarcas, profetas, reis, homens e mulheres comuns que a narrativa bíblica nos apresenta. Por fim, ao chegar o momento adequado (Gl 4.4), Deus mesmo se fez carne na Pessoa do Filho, o Verbo divino, a saber, Jesus Cristo (Jo 1.14). Sobre isso informa o autor aos Hebreus: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho [...]” (Hb 1.1).

Definitivamente a fé cristã que considera os livros sagrados dos antigos Hebreus, do povo de Israel e dos Judeus é uma religião de milagres. Não é sem razão que Koperski (2018) ao perguntar sobre o que Deus faz, para além da criação e da providência admite os milagres, entendendo que:

Do ponto de vista bíblico, a resposta parece clara. No Antigo Testamento, há atos de Deus que são contrários ao fluxo normal da natureza. Alguns são pequenos, como uma cabeça de machado que flutua (2Reis 6); outros são dramáticos, como as pragas contra o Egito (Êxodo 7—10). No Novo Testamento, há milagres realizados por Jesus, mas também há “sinais e maravilhas” provocados pelo poder de Deus trabalhando através de seus seguidores: Pedro curando o coxo (Atos 3) e os dons espirituais da cura e milagres mencionados por Paulo (1Coríntios 12), entre outros (KOPERSKI, 2018, p. 44).

O Antigo Testamento está repleto de narrativas milagrosas a multiplicação dos milagres a exemplo da abertura do Mar Vermelho (Êx 14. 21-29), do Jordão (Js 3.14-17), a preservação do povo de Israel durante a travessia pelo deserto, o que incluiu fornecimento sobrenatural de água (Êx 17. 5-6), carne (Nm 11.32) e pão (Êx 16. 12-35), curas (2 Rs 5.14), profecias (I Rs 14. 1-17), êxtase profético (Ez 1.1). Mais adiante, a narrativa sagrada apresenta ressurreições de mortos (1 Rs 17.22; 2 Rs 4.35), até uma corrida sobrenatural em estilo cinematográfico (1 Rs 19.8) que culminou em transladação (2 Rs 2. 1-12). O termo que aparece no

Antigo Testamento para designar diretamente as ações miraculosas de Deus é פֶּלָא, leia-se *pêlâ*, traduzido no livro de Josué (Js 3. 5) por “maravilhas”.

As Escrituras hebraicas também dão ênfase ao Espírito Santo (heb. רוּחַ קֹדֶשׁ – *ruach kodesh*) como aquele que origina as atividades carismáticas, ou seja, é a fonte dos *charismata*. Como registraram Sousa Neto e Grangeiro (2024):

[...] ruach (רוּחַ) também reveste de forças, coragem e outras virtudes. Opera sobre os juízes de Israel e os profetas. Em relação aos primeiros, os habilita para a defesa do povo, para isso entrega virtudes especiais. Não é sem razão que certa teologia bíblica tem afirmado “que a intrepidez dos juízes para a guerra não é natural, mas exclusivamente um dom divino” (STRONSTAD, 2020, p. 95). Por causa disso, os juízes recebem a classificação de “profetas guerreiros carismáticos” identificados com o modelo de Josué (ibidem, p. 95).

Nesse caso, o método divino é o revestimento do Espírito que na linguagem bíblica diz sobre Otniel: “Veio sobre ele o Espírito do Senhor” (ARA – Jz 3.10), ou sobre Gideão: “Então o Espírito do SENHOR revestiu” (ARA – Jz 6.34), e ainda sobre Sansão, informa que ruach (רוּחַ) “começou a incitá-lo” (ARA – Jz 13.25). Em relação ao profeta, ruach (רוּחַ) comunica dotações carismáticas especiais, vocaciona e utiliza-o como seu porta-voz. Por isso a palavra hebraica para profeta, נָבִיא “nabi”, traz em sua raiz o sentido de “proclamar ou anunciar”. Além disso, como registraram Radmacher, Allen e House (2010, p. 1180): “Outra possibilidade é a de que ela derive do vocábulo hebraico que significa borbulhar ou derramar”. Assim, concluíram os autores que a “profecia pode ser comparada a algo que “borbulha” do Espírito Santo no íntimo da pessoa que entrega a mensagem divina” (ibidem, p. 1180) (SOUSA NETO; GRANGEIRO, 2024, p. 14-15).

Como se nota com relativa facilidade, os escritos do Novo Testamento também estão eivados de sobrenaturalismo. Não é sem razão que os teólogos bíblicos observaram que “no evangelho de Marcos, as curas são especialmente notáveis” (ALEXANDER; ROSNER, 2009, p. 398). Nessa mesma direção segue o conhecido erudito pentecostal Craig Keener (1960 –). O autor chamou a atenção da comunidade teológica ao publicar em 2011 o livro “*Miracles: The Credibility of the New Testament Accounts*” (*Milagres: A credibilidade dos relatos do Novo Testamento*).

Keener (2011) explorou um *corpus* documental extremamente vasto, documentos antigos e várias obras historiográficas, exercício que possibilitou a catalogação de impressionantes testemunhos de milagres ocorridos até mesmo na modernidade. Contudo, a intensão do autor não foi provar os milagres, mas desvelar aquilo que está por trás da visão anti-sobrenaturalista. Assim, o autor destacou que desde o advento do Iluminismo, a reflexão acadêmica tem sido

marcada por uma inclinação naturalista e cética em relação ao sobrenatural, percorrendo diversas disciplinas como a psicologia, a sociologia e a antropologia. Esse mesmo padrão se aplica à área dos estudos bíblicos. Esse ponto será abordado com maior cuidado logo abaixo.

Antes, porém, convém registrar que o termo transliterado *charismata*, do grego *χαρίσματα* como aparece na carta aos Coríntios (1 Co 12.9) traz o significado comum de dons, assim mesmo no plural e diz respeito aos dons espirituais que Deus concede ao crente. Aliás, o texto grego de autoria paulina recomenda com ênfase que todos os cristãos devem *ζηλοῦτε δέ τὰ χαρίσματα τὰ μείζονα*, ou seja, desejar, perseguir, procurar os “dons” (*charismata*) mais importantes (1 Co 12.31). Evidentemente a audiência de Paulo era carismática como demonstram as várias passagens do Novo Testamento sobre curas, línguas, profecias e outras atividades carismáticas “extraordinárias”. Desde já, deve-se registrar que uma problematização dos dons extraordinários deve ser levantada no terceiro tópico.

Digno de nota é a obra lucana composta de um tratado em dois volumes, ou seja, Lucas-Atos. Sabe-se que o movimento pentecostal privilegia a historiografia judaico-helenística que, sem nenhuma dúvida, destaca tanto a Pessoa do Espírito Santo quanto as atividades carismáticas na vida e ministério de Jesus e sua continuidade na comunidade apostólica.

Além da natureza historiográfica do registro lucano, o movimento pentecostal entende que o conteúdo narrativo apresenta ensino que se assume como paradigmático para a vida da igreja. A articulação entre esses textos narrativos e aqueles propositivos de autoria paulina fornecem a base escriturística para a afirmação da continuidade dos *charismata* na vida da igreja.

Como é possível perceber, os pentecostais e carismáticos possuem uma leitura bíblica que em muitos aspectos os diferenciam de outros grupos, algo que tem levantado uma discussão sobre a possibilidade de uma hermenêutica pentecostal. É justamente por causa dessa acuidade hermenêutica que afirma a validade do cânone em sua totalidade, considerando tanto textos narrativos e propositivos, sobretudo o *corpus* lucano, seu conteúdo ao mesmo tempo historiográfico e teológico que se tem um modelo, um paradigma para a igreja contemporânea. Sendo assim, os pentecostais podem ser considerados cristão genuinamente bíblicos.

Por isso mesmo, nessa leitura os milagres e os dons que tiveram lugar na experiência da antiga igreja, muitos deles confirmados pelo *corpus* lucano são assumidos como válidos na experiência contemporânea de qualquer cristão, uma vez que não se encontra no texto canônico qualquer evidência de cessação dos *charismata*. Esse ponto será desenvolvido com maior cuidado no último tópico desse texto.

De todo o modo, uma classificação baseada nas Escrituras aponta para diferentes aspectos da dotação carismática ou seja: os dons de serviço (Rm12. 6-8), dons espirituais propriamente ditos (1Co 12. 8-10), e dons ministeriais (Ef 4.11). Todos os *charismata* encontram fundamentação nas Escrituras do Novo Testamento e serão devidamente apresentados no último tópico deste texto. Passemos agora a discorrer resumidamente sobre o cessacionismo, ou seja, ensino segundo o qual os *charismata* foram evidenciados apenas no período da igreja apostólica.

2. O CESSACIONISMO E SUA RELAÇÃO COM A EPISTEMOLOGIA CLASSICISTA DE BASE RACIONALISTA

Foi exposto acima, mesmo introdutoriamente que as evidências dos *charismata* são consistentes com o espírito das Escrituras uma vez que o Deus que se revelou o fez de modo miraculoso, inclusive, concedendo dons àquele com quem se relacionava. Como se observa com relativa facilidade, as atividades carismáticas do Espírito Santo ocuparam lugar especial nos registros do Antigo e Novo Testamentos. Logo, a pergunta que se faz agora é: mesmo constatando que a totalidade das Escrituras admitem os milagres, os *charismata*, por qual razão um grupo de cristãos insiste em negar a continuidade dos milagres, os dons bíblicos na atualidade? A esses se dá o nome de cessacionistas.

Por cessacionismo se quer designar a crença de que os dons espirituais não possuem ressonância no período pós-bíblico, ou seja, cessaram logo após a era apostólica. Como bem registrou Siqueira (2023, p. 83): “De acordo com a lógica cessacionista, os textos paulinos sobre os dons passam a exercer atualmente apenas o registro histórico de uma espiritualidade antiga e superada”.

Em obra recente organizada por um expoente da teologia pentecostal, César Moisés Carvalho, Sousa Neto (2021) procurou a partir da análise do discurso, desvelar a lógica cessacionista, denunciando o discurso teológico que

tem ao longo dos anos procurado subalternizar a teologia e a prática dos pentecostais. O autor enfatizou que determinados sujeitos operacionalizaram o poder-saber, uma racionalidade classicista (cartesianismo) como único objetivo de excluir ou marginalizar os pentecostais. Evidentemente o autor trouxe à luz algo que está assentado em um tipo de racionalidade cartesiana que julga ser superior à outras racionalidades, como tem sido o caso do desdém com que certos atores tratam a experiência pentecostal.

Um influente e conhecido cessacionista foi o teólogo calvinista Benjamim B. Warfield que publicou no início do século XX o título “*Counterfeit Miracles*”, ou seja, *Milagres falsificados*, onde defendeu a *cessação dos “charismata”*. Ruthven (2017) chamou a atenção para essa leitura que de nenhum modo é exclusiva de Warfield. Assim, embora Warfield seja considerado um teólogo ortodoxo, praticamente todos os pensadores de viés liberal (leia-se racionalistas) nutriram e ainda nutrem algum tipo de cessacionismo.

Foi assim que a partir de pressupostos filosóficos do iluminismo pensadores como Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834), insistiam em afirmar que “tudo precisa ser julgado no tribunal da razão humana, o sobrenatural não interfere no mundo natural, milagres não acontecem” (SOUSA NETO, 2024, p. 21). A mesma lógica estava por trás da busca pelo Jesus histórico conduzida por Hermann Samuel Reimarus (1694-1768), que mesmo admitindo que Jesus poderia ter feito algum milagre, recusava com base em seu racionalismo a doutrina da ressurreição corpórea de Jesus Cristo (SOUSA NETO, 2024, p. 32), mais que isso. Conforme interroga Sousa Neto (2024b):

[...] as vezes parece que o autor chancela a narrativa evangélica dos milagres realizados por Jesus, no entanto, transfere tudo para as impressões das testemunhas, assim, as curas “aos olhos de Seus contemporâneos eram miraculosas” (SCHWEITZER, 2003, p. 27). O autor transfere tudo para as impressões dos discípulos e seguidores de Jesus e na sequência, não hesita em afirmar que “Outros milagres, no entanto, não têm base em fatos” (ibidem, p. 27), ou seja, seria apenas uma estratégia literária que manipulava a o enredo a fim de relacionar os milagres de Jesus às narrativas miraculosas do Antigo Testamento, como se fossem repetidas, “mas numa escala maior” (ibidem, p. 27). (SOUSA NETO, 2024, p. 33).

Outro autor, Albert Schweitzer (1875-1965), que embora tenha denunciado os pressupostos racionalistas de seus antecessores, chegou à conclusão de que

os milagres não passavam de imaginação dos escritores bíblicos, ou seja, dos evangelistas.

Um argumento supostamente bíblico utilizado na defesa do cessacionismo é que com o fechamento do cânone, não haveria mais necessidade de alguma atividade carismática na igreja. Assim, tudo o que a igreja precisa estaria disponível nos livros canônicos das Escrituras. O texto base para tal defesa geralmente é esse:

O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado (1Co 13. 8-10).

A expressão “quando porém vier o que é perfeito” é interpretada por alguns proponentes do cessacionismo como o cânone do Novo Testamento, algo que dispensaria as atividades carismáticas na igreja. A análise exegética do texto terá lugar no último tópico onde a defesa da continuidade dos *charismata* será apresentada. No entanto, além desse argumento, outro ainda é apresentado pelos cessacionistas, qual seja, de que os milagres no período apostólico tinham uma natureza legitimadora, autenticadora tanto da messianidade e divindade de Jesus quanto da própria igreja e da mensagem por ela transmitida, ou seja do evangelho. Nessa concepção, os *charismata* seriam expressões da extraordinariedade da experiência cristã frente aos desafios enfrentados em determinados contextos.

Por exemplo, em um contexto pagão ou idolatra, os milagres seriam sinais autenticadores da verdade do evangelho. Além disso, é aquilo que atraía a atenção para a mensagem cristã. Logo, com o avanço da igreja e popularização da mensagem do evangelho, principalmente em uma sociedade com grande participação cristã, os milagres seriam desnecessários.

3. A DEFESA PENTECOSTAL DA CONTINUIDADE DOS *CHARISMATA* E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁXIS CRISTÃ CONTEMPORÂNEA

O teólogo peruano Bernardo Campos (1955 – 2024), conhecido como um nome proeminente dentro dos pentecostalismos, ao utilizar o conceito guarda-chuva “Princípio Pentecostalidade”, acabou por possibilitar certo borramento das fronteiras encontradas dentro da grande tradição cristã e até mesmo em outras experiências religiosas, como o judaísmo e o islamismo. Sua tentativa de

apresentar uma pneumatologia superlativa e uma proposta ecumênica atualizada, pelo menos em nossa leitura, pode provocar certa indistinção relativa às experiências religiosas claramente diversas e até mesmo em antagonismo.

Tanto o historiador quanto o teólogo, precisam estar atentos às diferenças, ou àquilo que se tem defendido como rupturas, mas também as permanências ou continuidades. Por essa razão se faz necessário, não apenas apontar as permanências, como no caso da pentecostalidade da igreja, sua catolicidade (que comporta evidentemente a pluralidade) e apostolicidade, mas também as descontinuidades. No caso dos sistemas religiosos, à luz da própria Escritura, se faz necessário distinguir as diferenças. A questão é simples: se todos os caminhos conduzem a Deus, qual o lugar da obra de Cristo, da encarnação, expiação e ressurreição na história? Nesse sentido o Evangelho é singular e aponta para a exclusividade de Jesus Cristo.

Essa necessidade de diferenciação se fez necessário até mesmo no seio da igreja nascente, na comunidade apostólica e na igreja antiga, pós-apostólica. O fator determinante sem dúvida alguma foi a luta contra os gnosticismos em suas várias faces. Não é sem razão que o *hagiógrafo* foi incisivo nas seguintes declarações:

Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora.

Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;

e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo.

Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo.

Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve.

Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro (ARA – 1 Jo 4. 1-6).

O excerto epistolar acima reflete claramente a necessidade de diferenciação e para o fator distintivo da fé cristã. É bom lembrar que essa também foi uma resposta incisiva dos pais da antiga igreja, a exemplo de Atanásio de Alexandria (328 – 372 d. C.) e outros pais nicenos em relação ao arianismo. Neste tópico, a abordagem contemplará tanto continuidades quanto rupturas. A questão

da diferenciação pensa-se estar clara, sem, contudo, desprezar o respeito e a possibilidade do diálogo inter-religioso.

Começamos em demarcar a historicidade do movimento pentecostal, sem esquecer o conceito teológico de igreja, sobretudo em relação à sua catolicidade e pentecostalidade. Nesse sentido, concorda-se aqui com Campos (2018), uma vez que a igreja “é uma, santa, apostólica, universal e pentecostal” (CAMPOS, 2018, p. 17). Sabe-se que movimento pentecostal tem historicidade. Geralmente é localizado na virada do século XIX para o século XX.

Contudo, como bem observou Dayton (2020), aquilo que denomina como “tradição pentecostal” foi resultado de um processo que aglutinou quatro temas sob o quadrilátero que identifica o *ethos* e o pensamento pentecostal. Na verdade, são quatro temas cristológicos que apresentam Cristo como o salvador, o batizador com o Espírito Santo, o curador e o Rei que retornará (DAYTON, 2020, p. 287).

Conforme Dayton (2020), esses temas foram gestados ainda no século XIX recebendo contribuições do avivalismo conversionista e do movimento de santidade e o desenvolvimento de uma inclinação pré-milenista. O autor ainda percebeu que os temas cristológicos reunidos posteriormente no *ethos* pentecostal de algum modo permearam o evangelicalismo popular e o movimento fundamentalista, assim:

Alguém pode argumentar, sem dúvida, que toda a rede das instituições e movimentos populares que combatiam em defesa de uma “vida cristã superior” constituiu na virada do século um “barril de pólvora” protopentecostal à espera de uma centelha que o explodisse (DAYTON, 2020, p. 289).

Como demonstrado pelo autor, a linguagem teológica do movimento pentecostal, a ênfase na experiência cristã de santificação e relacionamento com Deus, o desdobramento subsequente visto na abertura para os *charismata*, especialmente para a cura divina e a crença no iminente retorno do Rei já se observava no final do século XIX no movimento de santidade. Assim, quando o movimento pentecostal eclodiu, promoveu pouca diferenciação em relação aos quatro temas cristológicos já amadurecido no final do século XIX. A única alteração foi a substituição da santificação plena ou de “Cristo como santificador” por Cristo o batizador, ou seja, o batismo com ou no Espírito Santo evidenciado

pelas línguas como bem defendia Charles Fox Parham (1873 – 1929) e outros pentecostais de primeira geração.

Mas, por qual razão os pentecostais insistem em afirmar e viver entre “sinais e maravilhas” evocando tal experiência em contextos contemporâneos e contínuos? Talvez à interrogação não tenha apenas uma resposta, contudo, pelo menos uma é crucial: porque os pentecostais leem o Novo Testamento de forma direta, simples, sem saltos culturais ou históricos, além de se identificarem de modo orgânico e linear com as narrativas do Novo Testamento, sobretudo aquelas de autoria lucana. Assim, para o crente pentecostal comum, como bem disse Menzies (2021, p. 22): “as histórias em Atos são minhas histórias – histórias que foram escritas para servir de modelo para moldar a minha vida e experiência”.

É exatamente por causa dessa leitura bíblica confiante na mensagem dos profetas e apóstolos que os pentecostais afirmam que as experiências carismáticas são possíveis, desejáveis e contínuas na experiência histórica da igreja. Sendo assim, na esteira de Ruthven (2017), “os dons espirituais não credenciam o Evangelho, nem substituem o Evangelho; em vez disso, os carismas expressam o Evangelho”. Em outras palavras, na perspectiva pentecostal, os *charismata* não se opõem às Escrituras, e para lembrar o título de Siqueira e Terra (2020) não há nenhuma tensão entre autoridade bíblica e experiência no Espírito.

Como se pode perceber com relativa facilidade, o pentecostal não endossa uma racionalidade classicista, ou seja, cartesiana, sobretudo ao explorar as Sagradas Escrituras. Trata-se de outro tipo de “racionalidade”, que embora não negue a razão, não aposta todas as fichas em algum tipo de método capaz de garantir a objetividade interpretativa, isso seria consentir com o cartesianismo.

Essa também é a conclusão de ninguém menos que uma das grandes referências da teologia exegética, Gordon Donald Fee (1934 – 2022) ao abordar o tema da espiritualidade paulina e mais especificamente o “orar em línguas” na primeira carta aos Coríntios. Para o autor, a experiência de orar em línguas, envolve algo que não passa pela mente, pela compreensão racional, pela inteligibilidade humana. Assim, Fee (2023) destaca que embora na presente era muitos rejeitem tal experiência, isso só se justifica por causa do paradigma racionalista, apontando que “nem Paulo nem a igreja primitiva eram influenciados pela mentalidade racionalista” que supervaloriza os “processos do pensamento”, ou apenas aquilo “que passa pelo córtex cerebral” (FEE, 2023, p. 70).

Logo, para retomar os autores citados acima, em termos comparativos, em relação a leitura e interpretação da Bíblia, como bem observou Pommerening (2020) é preciso considerar as seguintes distinções:

No sentido tradicional, a Bíblia é a Palavra de Deus que precisa ser interpretada pelos óculos da razão e de métodos rigidamente aprovados e aceitos. No sentido pentecostal, a Bíblia é a Palavra de Deus potencializada pela presença viva de seu autor, o Espírito Santo. Essa compreensão da Bíblia enquanto Palavra de Deus faz o pentecostal se enquadrar menos nos modelos tradicionais ou mesmo ainda na teologia liberal, pois esta nega a inspiração bíblica e não admite a presença do seu autor divino no ato interpretativo (POMMERENING, 2020, in: SIQUEIRA; TERRA, 2023, p. 14).

Esse modo de encarar o texto das Escrituras faz com que o leitor se identifique com as narrativas bíblicas se vendo na mesma trama, ligado por um fio narrativo contínuo que toca suas experiências no presente. Por isso a afirmação de Menzies (2020) de que aquela história de Atos é sua própria história, dinâmica, viva e assistida de perto pelo Espírito Santo. Sendo assim, o leitor pentecostal não vê descontinuidade da igreja, caducidade do cânone neotestamentário ou mesmo qualquer intenção divina em relação à retração das atividades carismáticas no seio da igreja. Na verdade, os pentecostais modernos não estão isolados na história, fazem parte daquele “protesto perene” de que nos informa Cairns (1995, p. 83) “suscitado dentro da Igreja quando se aumenta a força da instituição e se diminui a dependência do Espírito de Deus”. Aqui, tem-se uma relação clara de continuidade.

Evidentemente essa leitura pentecostal possui implicações práticas. A experiência do cristão pentecostal aponta exatamente para a dependência do Espírito Santo, para às Escrituras, na verdade essa experiência se fundamenta nos escritos do Novo Testamento e na totalidade da Palavra de Deus. Os milagres, os sinais e os dons atravessam a soma do cânone, ganhando maior expressão no contexto do cumprimento profético escatológico que segue em linha de continuidade até à consumação. É dessa forma que lê o texto ora citado onde alguns justificam o cessacionismo, qual seja:

O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. (1Co 13. 8-10).

Assim, enquanto autores cessacionistas veem no texto a transitoriedade dos *charismata* cuja caducidade seria estabelecida pela finalização do cânone, os pentecostais parecem ser mais fiéis à perícope textual insistindo que se desvela uma fruição escatológica até à consumação onde a visão opaca, refletida como em um espelho será substituída pela clareza de uma visão “face a face” (1Co 13. 12). Até mesmo o controverso Champlin em sua análise exegética vai nessa direção entendendo que a passagem paulina em questão:

[...] é um poderoso argumento em favor da possibilidade da continuação dos dons miraculosos (e não miraculosos), continuação essa que prosseguirá até à «parousia» ou segunda vinda de Jesus Cristo. Isso vai de encontro aos argumentos distorcidos de alguns, que pretendem eliminar os dons miraculosos, como se os mesmos, houvessem desaparecido quase imediatamente depois da era apostólica, os quais supõem encontrar base bíblica para essa opinião no fato que o oitavo versículo deste capítulo diz que esses dons eventualmente «cessarão». É verdade que os dons espirituais cessarão; mas o tempo é definitivamente determinado no presente versículo, isto é, no fim da presente era da graça, quando da segunda vinda de Cristo. Porém, enquanto não vier o que é perfeito, teremos necessidade dos dons espirituais «imperfeitos» visto que eles são muito, muito superiores a qualquer coisa meramente humana. Não existe aqui, obviamente, nenhuma referência ao «cânon» das Escrituras do Novo Testamento, como a «perfeição» que esperamos. Esta interpretação é uma invenção do século XX para obter um texto de prova para ensinar que os dons, necessariamente, deveriam ter acabado ao fim da era apostólica (CHAMPLIN, 2005, p. 209).

Don Codling (2016) foi outro autor que além de endossar a interpretação acima, de que a expressão “o que é perfeito” diz respeito ao retorno de Cristo, registrou que embora João Calvino e Charles Hodge tenham defendido a tese cessacionista, interessantemente interpretavam a expressão “o que é perfeito” como a vinda de Cristo (CODLING, 2016, p. 99).

Outro texto utilizado pelos cessacionistas é a afirmação paulina de que o povo de Jesus o corpo de crentes compostos de judeus e gentios são “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2.20). Os hermeneutas cessacionistas insistem em atribuir o seguinte significado ao texto: a passagem diz respeito aos dons fundacionais, ou seja, foram *charismata* verificados entre os apóstolos, profetas e na Pessoa de Jesus Cristo, algo descontinuado com a morte desses atores fundacionais. Sobre tal interpretação respondeu Ruthven (2020):

Deveríamos então, naquela mesma lógica, insistir que a morte do prefeito de uma cidade requer a extinção do cargo, título ou função de prefeito? Pelo contrário, seu papel “fundacional” como prefeito estabelece o padrão e implica a continuação do papel depois dele. (RUTHVEN, 2020, p. 10).

Na esteira dessas discussões, apresenta-se a tese da continuidade até mesmo dos dons ministeriais, incluindo o apostolado. Evidentemente que a tese da continuidade apostólica não estabelece um princípio de igualdade entre os apóstolos originais de Cristo e os corajosos ministros que ainda hoje são chamados para desbravarem o mundo, mesmo assim, admite-se que o dom apostólico ainda é uma possibilidade.

Era assim que o pioneiro do movimento pentecostal sueco e grande financiador da missão pentecostal no Brasil, Levi Pethus (1884 – 1974) via a questão ao introduzir as memórias do missionário fundador das Assembleias de Deus no Brasil, Adolf Gunnar Vingren (1879 – 1933). O líder sueco observou que encontrou “no Novo Testamento, indícios de um ministério apostólico continuado” (PETHRUS, 2018, p. 12) e por fim, localizou Vingren dentro de tal ministério.

De todo o modo, para além da discussão acima, a afirmação de continuidade dos *charismata* possui implicações práticas, a saber, no culto, na oração, na evangelização e no modo como se vive em um mundo encantado, ou pelo menos atravessado pelo Espírito. Assim, as práticas pentecostais demonstram claramente um direcionamento cristológico, pneumatólogico e escatológico exemplificado no quadrilátero pentecostal: Jesus o salvador, o curador, o batizador com o Espírito Santo e o rei que breve voltará.

Entre os pentecostais registra-se, inclusive, uma visão não dualista do corpo uma vez que sem nenhum constrangimento admitem que aquilo que profetizou Isaías no capítulo 53 de seu livro, adquire uma dimensão para além da soteriologia. Jesus é o salvador do homem todo, o curador do corpo. Os dons de cura são possíveis agora, mais que nunca, pois, Jesus Cristo inaugurou um novo tempo exercendo um ministério de cura que segue em continuidade. Uma fluência garantida por ele mesmo à igreja (Jo 14.13), uma antecipação da consumação onde finalmente não haverá mais dor (Ap 21.4).

É nessa relação que os dons de cura apontam para o *eschaton*, para a reafirmação que a igreja do Senhor vive “entre o já e o ainda não”. Assim, embora as controvérsias envolvendo o pensamento de Paul Tillich, é possível endossar

algo que o autor diz acertadamente, que: “[...] o eschaton se toma uma questão de experiência presente sem perder sua dimensão futura” (TILLICH, 2005, p. 823).

De todo o modo, na profecia de Isaías, o messias é o curador (Is 53. 4-5). Sendo assim, além da dimensão soteriológica, o messias esperado e reconhecido pela igreja em Jesus também ordenou que curas fossem realizadas pelos discípulos (Mt 10 1-7), algo que segue em continuidade mesmo após a morte e ressurreição de Jesus como aponta o final longo de Marcos ao afirmar que:

Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados (Mc 16. 17-18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou explorar de forma introdutória o tema “A pentecostalidade da igreja: entre o cessacionismo e afirmação de continuidade dos dons espirituais”. Para tanto, foi apresentado o seguinte problema: qual a relevância da afirmação de continuidade dos dons espirituais na atualidade? A hipótese sustentada vem na afirmação de que a continuidade dos dons espirituais possui várias implicações, entre elas, à própria continuidade história do cristianismo bíblico e apostólico, algo que incide nas práticas dos cristãos, ou seja, na *práxis* da igreja. Com isso se quer afirmar a pentecostalidade da igreja sendo o movimento pentecostal a caixa de ressonância dessa característica genuinamente cristã.

O ponto de partida foi a exposição do ponto de vista bíblico sobre os *charismata*, constatando de forma óbvia que o sobrenaturalismo (que admite a importância do natural e se volta para ele, como é o caso do objeto da revelação que é o ser humano) é o paradigma da revelação. A atuação do Espírito Santo e a concessão de dons não são algo estranho ao espírito das Escrituras. Na sequência foi realizada uma breve reflexão sobre o cessacionismo, ideia segundo a qual os dons espirituais, os milagres, cessaram no período pós-bíblico, ou seja, não possuem nenhuma ressonância nos contextos posteriores à era apostólica. O tópico também apresentou alguns dos principais argumentos cessacionistas.

Por fim, a discussão girou em torno da defesa pentecostal dos *charismata* e seus efeitos práticos sobre a vida da igreja. O tópico foi também o lugar onde se procurou desvelar os pressupostos do cessacionismo, sua suposta fundamentação bíblica. Nesse momento, a consulta às Escrituras e as contribuições de Codling (2016), Dayton (2020), Fee (2023) Menzies (2021), Siqueira e Terra (2020) Sousa Neto (2021;2024) e Ruthven (2017) forneceram a base teórica que conduziu a reflexão.

Quanto aos limites da pesquisa, temos ciência de que a tarefa realizada não possui uma proposta definitiva, engessada, pelo contrário, espera-se desdobrar o tema em trabalhos futuros, tendo em vista que há muito a ser explorado, inquietações e questões parcialmente resolvidas que merecem melhor tratamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, T. Desmond. ROSNER, Brian S. **Novo dicionário de teologia bíblica**. Trad. William Lane. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ARAÚJO, Israel de. **História do movimento pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

ARAÚJO, Israel. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, 1993.

CHAMPLIN, Russel N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. vol 4. São Paulo: Hagnos, 2014.

CAMPOS, Bernardo. **O princípio da pentecostalidade**: hermenêutica, história e teologia. Trad. David Mesquiat de Oliveira. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

CODLING, Don. **Sola Escripura e os dons de revelação**: como lidar com a atual manifestação do dom de profecia?. Natal: Editora Carisma, 2016.

FEE, Gordon. **Escutando o Espírito no texto**. Trad. Céfora Carvalho. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

GONZÁLEZ, Justo L. **História ilustrada do cristianismo**: a era dos reformadores até a era inconclusa. Trad. Itamir Neves et al. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HYATT, Eddie. **2000 Anos de Cristianismo Carismático**: um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal. Natal: Carisma, 2018.

KEENER, Craig S. **Miracles: The Credibility of the New Testament Accounts**. *Grand Rapids*: Baker Academics, 2011.

KOPERSKI, Jeffrey. Ação divina (hipótese da governança engajada). In: COPAN, Paul et al (Orgs). **Dicionário de cristianismo e ciência**: obra de referência definitiva para a interseção entre fé cristã e ciência contemporânea. Trad. Paulo Sartor Jr. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

LLOYD-JONES, D. Martin. **O batismo e os dons do Espírito**: poder e renovação segundo as Escrituras. Trad. João Costa. Natal: Carisma, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015

PETHRUS, Levi. Introdução. In: VINGREN, Ivar. **Diário do Pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

RUTHVEN, Jon Mark: **Sobre a cessação dos charismata**: a polêmica cessacionista dos milagres pós-bíblicos. Natal: Editora Carisma, 2017.

SMITH, James K. A. **Pensando em línguas**: contribuição pentecostal para a filosofia cristã. Trad. Maurício Bezerra. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil/Renova, 2020.

SOUSA NETO, Fábio de. GRANGEIRO, Alessandra. **A doutrina do Espírito Santo e os movimentos espirituais contemporâneos**. Goiânia: FASSEB, 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/JxRAh>.

SOUSA NETO, Fábio de. **História da igreja II**: história da igreja reformada, contemporânea e do movimento pentecostal. Goiânia: Fasseb, 2021.

SOUSA NETO, Fábio de. **Representações sobre o campo religioso brasileiro**: uma análise das Assembleias de Deus. 2021. 180f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4644>.

STRONSTAD, Roger. **A teologia carismática de Lucas**: trajetórias do Antigo Testamento à Lucas-Atos. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

STRONSTAD, Roger. **Hermenêutica pentecostal**: Espírito, Escritura e Teologia. Natal: Carisma, 2023.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Trad. Getúlio Bertelli e Geraldo Komdörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Trad. Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.

YORK, John. **Missões na Era do Espírito Santo**: como a fé pentecostal pode ajudar a igreja a completar a evangelização do mundo. Trad. Maurício Zagari. Rio de Janeiro: CPAD, 2002